

# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

*Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleir Borges Prado  
(Organizadores)*



# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

*Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleir Borges Prado  
(Organizadores)*



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdiglei Borges Prado

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R382 Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Éverton Nery Carneiro, Valdiglei Borges Prado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-948-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.483222102>

1. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Carneiro, Éverton Nery (Organizador). III. Prado, Valdiglei Borges (Organizador). IV. Título.

CDD 200

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.







Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos é um e-book elaborado a partir de vários olhares e práticas investigativas que transita pelos eixos das Ciências Humanas e Sociais estabelecendo relações dialógicas com tema como: Teologia, Filosofia, Religiosidade, Espiritualidade, Diálogos, Narrativas, Símbolos (...) e nesse bojo o sentido à vida. Organizado em seis capítulos teóricos onde primeiro deles, propõe ao ouvinte-leitor hodierno um mergulho no mundo narrado, prestando atenção no design narrativo do enredo, na retórica do discurso narrativo, bem como no arco dramático das personagens. O segundo capítulo, busca evidenciar que a vivência da fé na Era Digital se torna um imperativo para reflexão a partir de uma práxis na Pastoral da Comunicação Social – PASCOS. O terceiro capítulo, debate particularmente as interpretações acerca da relação entre Igreja Católica, outras denominações do Cristianismo e religiões não cristãs nos escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II. O quarto capítulo, visa apresentar a cultura da época e o pensamento dos primeiros cristãos, expor a ideia grega de perfeição e confrontá-la com o pensamento cristão, que via na preocupação excessiva com a forma um paganismo, e compreender por que os cristãos abandonam o modo grego de fazer arte, o que do ponto de vista estético é visto como decadência. O quinto capítulo, analisa a função da linguagem visual do Tarô e seu desenvolvimento desde a Europa medieval até o Brasil contemporâneo, usando da hermenêutica simbólica, com ênfase ao estudo de Gilbert Durand, além de autores relevantes que complementam o pensar simbólico. O sexto capítulo, traz a percepção de que o diálogo que levanta a questão da religião tem abordagem complexa, especialmente quando se concentra nas religiões africanas, dada a recusa da literatura acadêmica e o papel negativo que historicamente moldou a matriz social baseada na desigualdade. À guisa de conclusão, arriscamos dizer que os textos desta obra e seus arranjos, sua interrelação com a religiosidade e com a espiritualidade, nos fazem refletir sobre a importância da religião, como uma fonte antiga e também atual, de sentido à vida.

Isto dito, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleí Borges Prado



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ANÁLISE NARRATIVA E AS PERSONAGENS DA BÍBLIA HEBRAICA	
Petterson Brey	
Francisca Cirlena C. O. Suzuki	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
DISCIPULADO DE IGUAIS, MULHERES E HOMENS, NA MISSÃO DE JESUS CRISTO EM REDE: COMUNICANDO A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL	
Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon	
Diego Fernando Moreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
DIÁLOGO ENTRE RELIGIÕES NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II	
Danillo Rangell Pinheiro Pereira	
Iraeidson Santos Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
ARTE PALEOCRISTÃ: INSPIRAÇÃO AOS ARTISTAS SACROS CONTEMPORÂNEOS CLÁUDIO PASTRO E MARKO IVAN RUPNIK	
Wilma Steagall De Tommaso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
DO TARÔ EUROPEU MEDIEVAL AO TARÔ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: SIMBOLOGIA ATRAVÉS DA EVOLUÇÃO IMAGÉTICA	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
“DESPRECONCEITUOSAMENTE” UMBANDISTA: A RELIGIÃO NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE PIERRE SANCHIS E DO DOCUMENTÁRIO “SANTO FORTE” DE EDUARDO COUTINHO	
Marcelo Máximo Purificação	
Elisângela Maura Catarino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>70</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>72</b>

# CAPÍTULO 5

## DO TARÔ EUROPEU MEDIEVAL AO TARÔ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: SIMBOLOGIA ATRAVÉS DA EVOLUÇÃO IMAGÉTICA

*Data de aceite: 01/02/2022*

**Kelma Amabile Mazziero de Souza**

Faculdades Metropolitanas Unidas

São Paulo = São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/2265040434999388>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar a função da linguagem visual do Tarô e seu desenvolvimento desde a Europa medieval até o Brasil contemporâneo, usando da hermenêutica simbólica, com ênfase ao estudo de Gilbert Durand, além de autores relevantes que complementam o pensar simbólico. Tem por finalidade esclarecer a evolução, o papel das imagens e os símbolos do Tarô através das artes, da religião e na espiritualidade. As lâminas, surgidas aproximadamente entre os séculos XIV e XV, retratam a vida e sociedade europeia da época, com referências religiosas, culturais e comportamentais, permitindo que ao longo de seis séculos essas imagens tenham sido ilustradas de maneiras distintas ainda que a mensagem simbólica tenha se mantido intacta. Apesar de ter sido uma prática lúdica quando do seu surgimento, o Tarô passou a representar a jornada do ser humano na busca por si mesmo, chegando aos tempos atuais como um estudo de imagens arquetípicas que permite utilizações diversas. A linguagem visual acessada a partir das cartas do Tarô se estabeleceu transcendendo a região de onde surgiram as lâminas ou a época à qual se referiam, de maneira empática, como um espelho que reflete a verdade para aquele

que a procura. Nas imagens do Tarô é possível identificar chaves de análise, através das quais o homem atravessa etapas de sua vida. Ao interpretar essas imagens surgem associações para desvendar situações e entender a jornada pessoal. Portanto, o Tarô, a partir de suas ilustrações carregadas de simbologia, abarca uma representação do indivíduo no contexto pessoal, social e espiritual ao longo dos séculos, sendo utilizado na esfera artística, cultural, espiritualista e alcançando o mundo contemporâneo como um verdadeiro representante da linguagem simbólica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Tarô; Linguagem Imagética; Simbologia; Espiritualidade

### FROM MEDIEVAL EUROPEAN TAROT TO CONTEMPORARY BRASILIAN TAROT: SYMBOLOGY THROUGH IMAGETIC EVOLUTION

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the function of the visual language of Tarot and its development from medieval Europe to contemporary Brazil, using the symbolic hermeneutics, with emphasis on Gilbert Durand's studies in addition to authors that complement symbolic thinking. It intends to clarify the evolution and the role of Tarot images and symbols through the arts, religion and spirituality. Those blades appeared approximately between the 14th and 15th centuries and portray the European lifestyle and society at that time with religious, cultural and behavior references that allowed these images to be portrayed differently for over six centuries and still have its sybolic message intact. Eventhough it was a playful practice when it first appeared,

Tarot passed to represent the journey of a human being in the search for himself, reaching present times as a study of archetypal images with many diverse uses. The visual language accessed from Tarot cards has established itself, transcending the region where those blades arose and the age they referred to, empathically, as a mirror that reflects the truth to the ones who seek it. In the Tarot images it is possible to identify keys of analysis, through which the man crosses the stages of life. While we are able to interpret those images, associations emerge to unravel situations that allow us to understand our personal journeys. Therefore, Tarot from its symbology-laden illustrations, encompasses a representation of the individual in the personal, social and spiritual contexts throughout the centuries, being used in the artistic, cultural and spiritualistic spheres, reaching the contemporary world as a representative truth of the symbolic language.

**KEYWORDS:** Communication; Tarot; Imagetic Language; Symbology; Spirituality.

## 1 | INTRODUÇÃO

Com registros que datam aproximadamente do final do século XIV e começo do século XV, na região norte da Itália, o Tarô surgiu como prática artística e lúdica entre os nobres da época. Confeccionado por artesãos, sem uma numeração definida nas lâminas, mas com riqueza de cores, detalhes e símbolos, continha imagens que identificavam o período e os aspectos sociais. Esse conjunto de lâminas era denominado trunfos (*trionfi*, em italiano, como designação a algo que se sobrepõe aos demais). Sem ligação simbólica com o baralho comum, os trunfos eram ao mesmo tempo manifestação artística e distração lúdica para famílias italianas abastadas (ver Figura 1).

“Em algum momento posterior ao surgimento dos 56 *naibis* (no final do século XIV e o início do século XV) floresceram 22 gravuras no norte da Itália (região da Lombardia, Piemonte e Vêneto), que eram denominadas *trionfo* ou *trunfo*; contudo, não se tem conhecimento de quem as ilustrou com essa quantidade, tampouco a razão de elegerem tal título [...] as cartas dos trunfos surgiram semelhantes a registros fotográficos – nem mais, nem menos. Eram imagens da sociedade europeia com seus símbolos culturais, classes sociais, vestimentas e ornamentos.” (NAIFF, 2019, p. 275).

Os trunfos faziam parte do cotidiano europeu e esse termo foi adaptado com o passar do tempo até chegar ao que hoje é conhecido como Tarô, variando a escrita conforme a língua e o país em questão (*Tarot* na França e Estados Unidos, *Tarocchi* na Itália, por exemplo). Feitos à mão por artesãos e sob encomenda, os trunfos lembravam iluminuras, tinham alto custo e eram adquiridos como bens materiais para as famílias influentes. Na produção do seriado canadense-húngaro-irlandês *The Borgias* (de Neil Jordan, 2011) que se passa no século XV, em sua primeira temporada, consta a cena em que familiares do Papa Alexandre VI, Roderico Borgia, jogavam os trunfos em sua casa durante uma tarde de distração, como símbolo de poder aquisitivo e influência. Atualmente o número de cartas e a interdependência simbólica seguem um padrão, porém, não foi assim de seu surgimento,

sendo necessários séculos para que adquirisse todos os elementos estruturais em seu conteúdo imagético expressivo.

A origem da palavra Tarô deriva do Tarot, que por sua vez foi derivado do italiano *Tarocchi*, proveniente das palavras *Tarocco* e *Tarochino* (como eram designados no século XVI, e atualmente ainda o são, em algumas regiões da Itália). Com o advento da imprensa, da impressão e das constantes navegações exploratórias, as lâminas ficaram mais populares e se espalharam em outros países. Ricamente ilustradas, as cartas não continham linguagem escrita. Numa época em que a prática da escrita e leitura se encontravam limitadas na região (consequência de um longo período na Idade Média com povos ágrafos e pouco acesso ao estudo do latim) a representação pictórica se tornou uma maneira efetiva de transmitir mensagens estimulando cognitivamente analogias e associações. A especulação sobre uma função “divinatória” nas cartas se deu com o passar do tempo, a partir do século XVIII e se consolidou no século XIX (ver Figura 2). A literatura a respeito do Tarô “divinatório”, ou seja, o Tarô enquanto prática oracular, surgiu posteriormente ao seu uso lúdico.

O desenvolvimento da impressão em papel facilitou a confecção de novos Tarôs e variedades de ilustrações em diferentes regiões da Europa, mudando suas cores e possibilidades a partir do século XIX, quando os processos gráficos foram aprimorados. Atualmente, a cada ano, centenas de Tarôs são produzidos ao redor do mundo, com temáticas e propostas distintas, ainda que na maior parte das vezes sua estrutura continue intacta quanto ao número de cartas (setenta e oito) e sua cadeia simbólica. É possível atestar o uso do Tarô na Europa através dos registros e cartas disponíveis em museus europeus (como o Museo Fournier de Naipes, Museo Correr, Castello Sforzesco, Biblioteca Nacional da França em Paris, dentre outros) e em obras de arte, como por exemplo, a obra de Francisco de Goya, pintor espanhol do século XVIII que pintou *La família Del infante Don Luis*, onde retrata a família toda ao redor de uma mesa em que se encontra uma única vela sustentada por um pequeno castiçal e um baralho de Tarô, novamente representando poder aquisitivo e influência da família (ver figura 3).

Atualmente o Tarô se desdobra em finalidades distintas, como se atesta na França, em campeonatos de jogos com as cartas realizados pela Federação Francesa de Tarot (*Federation Française de Tarot*) ou na Itália onde ainda se joga o *Tarochino*. Em Nova Iorque são representadas peças teatrais baseadas nas imagens do Tarô (*Teatro Opera Nouveau, Tarot Show*, agosto/2015) além da prática interpretativa e oracular em consultórios, espaços holísticos ou locais religiosos, na intenção de associar o momento vivido pelo indivíduo através da leitura da imagem da lâmina (carta) selecionada, seja isoladamente ou disposta em métodos (tiragens) desenvolvidos para essa finalidade.

“Se não partirmos da premissa básica, que é o reconhecimento de seu verdadeiro passado, não será possível ter certeza do que temos nas mãos, tampouco a convicção do que poderemos fazer com as fantásticas imagens

No Brasil o Tarô chegou no século XX, porém, ficou conhecido do público somente a partir de uma publicação da *Revista Planeta* da década de 70, já envolvido em temática esotérica, ausente de referências culturais para os brasileiros. Hoje em dia a facilidade de acesso a livros e informações, além de baralhos (conhecidos como *decks*) através da internet, ampliou o estudo e entendimento das referências simbólicas neles contidas. A possibilidade interpretativa se expandiu com a ampliação de acesso às informações sobre o Tarô, já que as ilustrações e imagens adaptadas a histórias e tempos diferentes, favorecem um diálogo com a realidade contemporânea (ver Figura 4).

## 2 | A IMAGEM COMO EXPRESSÃO DA JORNADA PESSOAL

A partir de sua evolução cronológica é possível constatar que no mundo contemporâneo o Tarô se tornou um instrumento simbolicamente ilustrado com finalidades culturais, lúdicas e/ou espirituais, representadas em 78 lâminas formadoras de sua estrutura; estrutura essa que se subdivide em dois grupos: arcanos maiores (22 cartas) e arcanos menores (56 cartas). A designação para o termo arcano deriva do latim *arcanum*, significando segredo ou mistério, apresentando assim os arcanos maiores (mistérios maiores) e arcanos menores (mistérios menores) em 78 ilustrações.

Dentre alguns dos arcanos maiores é possível encontrar referências, no que se refere à época, cultura, religiosidade. Indo para além da tradução simbólica, no intuito de associar cronologia e comunicação imagética e a título de exemplo, a ilustração da lâmina III, a Imperatriz, carrega simbologia que remete à imagem de uma mulher nobre, com símbolos de poder (trono, cetro, escudo) analisada no contexto da mãe, esposa ou mulher que cria, gera e (re)produz. Segundo José Leonardo Nascimento, em seu curso sobre História da Arte (UNESP/TV CULTURA) a imagem ilustrada da Imperatriz era considerada na Idade Média, a da própria Virgem Maria, sendo ela denominada Imperatriz e seu filho, Jesus Cristo, denominado Imperador. As semelhanças e referências simbólicas se ampliam em culturas e épocas distintas, o que permite uma intersecção de sentidos. Assim como na lâmina V, o Sacerdote (ou Papa) é possível constatar elementos e símbolos que vão além do retrato de um pontífice, mas também se assemelham às imagens sacras, representantes dos santos, da Europa medieval (ver Figuras 5 e 6). As lâminas do Tarô permitem análise de conteúdo imagético ampliando correlações, associações e transferência na tradução de expressões ou linguagens.

“O Tarô agrega padrões e imagens arquetípicas de muitas civilizações, filosofias de várias épocas; seus símbolos evoluíram ao longo dos séculos até chegar à estrutura que conhecemos dos Tarôs marseheses – 78 arcanos -, mas ainda está em evolução alegórica, dificilmente em seu arcabouço. Seus símbolos sintomáticos e sua estrutura se reportam ao comportamento humano e à respectiva evolução. Podem-se transferir suas concepções arquetípicas a

qualquer mitologia, história, civilização, romance, credo ou situação pessoal. O estudo do Tarô é um veículo para o autoconhecimento, e o jogo oracular é uma orientação para o livre-arbítrio". (NAIFF, 2012, p. 384).

Com origem em plena transição histórica da Idade Média para o Renascimento, onde nas regiões italianas a religião dominante era o cristianismo, o Tarô assimilou elementos cristãos que reforçavam sua nacionalidade e sua época. Tanto a lâmina V, conhecida como o Sacerdote, faz clara referência à autoridade papal carregando sua simbologia (a mitra, o báculo, a casula) além de se assemelhar com imagens sacralizadas de figuras canonizadas na época (descrito anteriormente); como a lâmina IX, o Eremita, se refere diretamente aos monges do século V d.C., quando da divisão dos movimentos cristãos em cristianização dos bárbaros (popularização religiosa de foco centrífugo) e, simultaneamente, o movimento recluso do monasticismo (o movimento de foco centrípeto). Na lâmina do Eremita a representação simbólica é o monge, conhecido também à época como eremita, que vivia recluso em simplicidade, trabalho e arte monástica em típicas vestes (semelhante ao hábito franciscano). Ambas as figuras, o Sacerdote e o Eremita, eram representações espirituais relevantes nesse período e região, com apelo religioso e simbologia facilmente reconhecida pelo observador.

A cristianização de Roma na Idade Média e o domínio da igreja com o passar dos séculos, impulsionou a arte cristã resgatando também a arte clássica grega, contudo, com elementos sagrados e espirituais como forma de cristianizar os povos ágrafos e analfabetos. Não cultuavam as imagens em si, mas cristianizavam através dessas imagens, fugindo da arte retratista romana e assumindo ares clássicos que representassem sacralidade e espiritualidade, uma vez que não era possível retratar o irretratável (o espírito).

Da mesma maneira que um símbolo expressa mensagens semelhantes em tempos diferentes, é possível buscar na linguagem visual as diversas interpretações para momentos e situações variadas. Isso se dá porque, segundo Naiff, dentre muitas funções, o símbolo permite adaptação e migração, bem como, tem significado associativo, representador e semasiológico (2012, p. 70). Através da adaptação e da representação se dá a identificação que supera a linguagem escrita ou transmitida de maneira dogmática. Logo, a linguagem visual amplia, a linguagem dogmática pode restringir. O tempo afeta a segunda, mas não a primeira. Dessa forma a imagem atravessa o tempo, podendo até mudar sua forma de expressão artística, mas mantendo sua mensagem e capacidade de comunicar através do símbolo. Porque se adapta, porque amalgama e agrega. A imagem abarca e transmite uma ideia sem perder seu conteúdo intrínseco.

Ainda que no Brasil a literatura voltada ao Tarô tenha começado a crescer apenas nos anos 90, em outros países esse tema foi bastante ampliado e enriquecido, permitindo que hoje existam tipos de Tarôs que expressem estilos definidos, tais como: Tarôs Clássicos (todos os que mantêm a simbologia clássica e tradicional); Tarôs Modernos (os que apresentam imagens modernizadas com alterações em determinadas cartas

e representações); Tarôs Transculturais (aqueles que contam histórias ou descrevem mitologias através de suas ilustrações) e Tarôs Surrealistas (aqueles com traços livres e simbologia alterada ou adaptada segundo a visão do artista). Ultrapassando a tradição inicial lúdica e criando uma simbologia que lhe permita ser representado em tempos, culturas, mitologias ou ilustrações totalmente distintas, o Tarô permite em sua estrutura e interdependência das lâminas a expressão das mensagens simbólicas que aproximam o indivíduo de suas perguntas ou de suas próprias respostas. Expande, com isso, a função inicial lúdica para se transformar em um veículo de (re)conhecimento e aprofundamento. Reflete, portanto, sensações, momentos, ideias e situações pertinentes ao ser humano, pois pelo ser humano foi criado e para ele é constantemente ampliado, estudado, pesquisado.

“Dado que a re-representação simbólica nunca pode ser confirmada pela representação pura e simples do que ela significa, o símbolo, em última instância, só *é válido por si mesmo*. Não podendo figurar a infigurável transcendência, a imagem simbólica é *transfiguração* de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato. O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a *epifania* de um mistério.” (DURAND, 1993, p. 10)

Os temas que atravessam gerações, séculos, culturas e histórias se referem ao indivíduo no mundo e sua luta socrática em busca de si mesmo. Seja na travessia em direção ao desconhecido ou na mera batalha diária da compreensão de seus dilemas, um indivíduo se depara com sua jornada quando entende que seu maior inimigo está dentro de si. Haja vista a obra de William Shakespeare ressoar até os dias atuais como referência de comportamentos e dilemas humanos, ainda que tenha sido escrita na Inglaterra do século XVI. Isso acontece porque os vícios, as virtudes e os conflitos que envolvem a vida do ser humano não mudam em essência. No Tarô as lâminas simbolizadas instigam a reflexão a respeito dos medos, das escolhas, da liberdade, do tempo, da morte, da vida. Independente da ilustração e do tempo em que ela tenha sido criada, vícios e virtudes estão ali representados, transportando analogias para as questões espirituais e morais que amedrontam, aprisionam ou instigam o ser humano. A concepção de um novo Tarô a cada dia não extingue a familiaridade que suas imagens promovem em quem as observa. Durand escreve: “[...] se revela o papel profundo do símbolo: ele é *confirmação de um sentido a uma liberdade pessoal*” (1993, p. 33).

Em seu papel oracular, a imagem comunica, não necessariamente informa. E, com isso, permite a travessia do tempo expressa em símbolos que migram, mas não mudam a essência da mensagem e da possibilidade de analogia. Dominique Wolton escreve que: “A revolução do século XXI não é a da informação, mas a da comunicação. Não é a da mensagem, mas da relação” (2010, p.15). Nesse contexto, a linguagem pictórica que permite a privacidade da interpretação individual mantém sua riqueza simbólica para que o observador possa encontrar ali a devida familiaridade e traduzi-la para sua própria realidade, estabelecendo pontes, a fim de continuar articulando questões comuns

à humanidade a partir de uma expressão em constante elaboração. Toda essa riqueza simbólica capaz de migrar e se adaptar só é possível de ser transmitida porque se trata de conteúdo imagético e não dogmático.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Tarô abarca em sua simbologia uma forma de linguagem, que permite a conexão do ser humano com suas questões, conseqüentemente, consigo mesmo. Surgiu há séculos, numa região específica e com finalidade também específica, mas por carregar consigo imagens, sentido e alegorias correlatas ao ser humano – afinal, foi feito por humanos – transcendeu seu tempo e diversificou suas utilizações. Atualmente é utilizado nas artes (cênicas, pinturas, literatura), na prática lúdica (jogos de azar e entretenimento), em práticas religiosas (casas e templos de umbanda ou candomblé) e no estudo arquetípico. Ainda que o Brasil tenha um forte apelo místico para as lâminas (no sentido de mistificação, não de experiência mística propriamente dita), já existe no país estudos e propostas que expandem sua finalidade para além da mistificação ou da superstição. As imagens do Tarô, por carregarem alegorias e possibilidades que retratam a vida e o cotidiano, permitem o simbolizar e o significar.

“Os atos mais cotidianos, os costumes, as relações sociais, estão sobrecarregados de símbolos, são acompanhados no seu mais íntimo pormenor por todo um cortejo de valores simbólicos”. (DURAND, 1993, p. 44).

O próprio desenvolvimento do conhecimento a respeito do Tarô requer a existência e, por conseguinte, a superação dos conflitos originados a partir de superstições e recortes temporais. Ou seja, para que o Tarô no Brasil seja entendido também como instrumento de interpretação simbólica e inspiração artística, é importante que adentre na vida social e esteja disponível ao público, no intuito de ultrapassar a mistificação persistente, reabsorvendo e expressando seus valores culturais. Dominique Wolton escreve que: “A comunicação, na maior parte do tempo, não consiste em compartilhar pontos de vista comuns entre indivíduos livres e iguais, mas em organizar a convivência entre visões de mundo frequentemente contraditórias” (2010, p.31). O questionamento e o conflito fazem parte da busca por esclarecimento. Uma vez que as imagens expressam e migram, é preciso que se amplie também o estudo e tradução dessas imagens, bem como se torne possível o aperfeiçoamento de suas finalidades. Vale ressaltar que não se trata de uma tentativa de “cientificar” o tarô, afinal, parte de seu sentido está no âmbito do sensível, de modo que a “cientificação” poderia descaracterizar parte de sua função simbólica. Gilbert Durand cita Pierre Emmanuel quando este afirma que “analisar intelectualmente um símbolo, é descascar uma cebola para encontrar a cebola” (1993, p.37). Seria, portanto, o caso de inserir o Tarô como objeto de pesquisa e investigação, sem precisar afastá-lo das especificidades que o tornam, justamente, um estudo rico na esfera do imaginário, do



simbólico e do sentido.

O Tarô não apenas evoluiu com o passar do tempo, mas ainda proporciona material imagético suficiente para seguir atravessando diferentes épocas, podendo ser absorvido em diversas representações ou funções. Isso se dá porque se trata de linguagem simbólica e pictórica, permitindo uma experiência fenomenológica. Monica G. Hortegas escreve que: “É pelo resgate dos símbolos que é possível ter acesso ao conteúdo do inconsciente e como consequência, ter um sentido de vida, um conhecimento maior de si mesmo” (2015, p.49). O Tarô possibilita que suas imagens sejam interpretadas para além do olhar reducionista que estimula a superstição ou um determinismo anacrônico, que por sua vez, afastam o indivíduo de sua capacidade (e, por vezes, necessidade) de simbolizar o que vive. Joseph Campbell afirma que os símbolos “vêm da psique; falam do espírito e para o espírito” (2008, p.51).

Com pesquisa baseada em sua origem histórica e acompanhamento do desenvolvimento do uso do Tarô, é possível concluir que sua origem simbólica não restringiu, mas expandiu, não delimitou mas alargou, não esmoreceu mas fortaleceu as funções e utilidades das lâminas sem determinar um prazo de expiração. Isso se dá pelo brilhantismo na representação de cada lâmina, pelo cunho antropocêntrico sem desmerecimento do sobrenatural, permitindo que a imagem comunique, sem impor, qualquer mensagem. O Tarô é instrumento de estudo e aprendizado constante, como escreve Naiff: “O Tarô caminha como o arcano o Louco, à procura de si mesmo” (2012, p.351).

A representação se dá religiosa, inconsciente ou espiritualmente através das ilustrações, independente do tempo em que foram confeccionadas, falando diretamente às questões inerentes ao ser humano e sua busca existencial. Durand escreve que “para a consciência humana, nada é simplesmente *apresentado*, mas tudo é *representado*” (1993, p.55). Assim como os mitos, as imagens arquetípicas remetem à identificação de situações, padrões comportamentais ou momentos que simbolizam a narrativa pessoal e dão sentido ao existir.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**, São Paulo: Ágora, 2008.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**, Lisboa: Edições 70, 1993

HORTEGAS, Monica G. **A construção do si-mesmo da hermenêutica simbólica de Carl Gustav Jung e na poesia de Adélia Prado**, Revista Último Andar/PUC, 2015.

NAIFF, Nei. **Tarô**, simbologia e ocultismo, Rio de Janeiro: Nova Era. 2012.

NAIFF, Nei. **Tarô, simbologia e ocultismo**, São Paulo: Alfabeta, 2019

**THE BORGIAS.** Criação, produção e direção: Neil Jordan. Canadá-Irlanda-Hungria: Canal Bravo! CTV, Showtime, Sky Atlantic. 2011 (55 minutos/episódio).

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar,** Porto Alegre: Sulina, 2011.

## ANEXOS



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12

Arte paleocristã 45

### B

Bíblia Hebraica 1, 4, 5

### C

Ciberteologia 16, 21, 22, 26, 27

Comunicação 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 54, 57, 59, 60

Concílio Vaticano II 17, 20, 21, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 49, 51

### D

Despreconceituosamente 65, 66, 67

Diálogo 4, 9, 19, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 57, 65

### E

Era digital 16, 17, 20, 23, 24, 26

Espiritualidade 22, 54, 58

Evangelização 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27

Exegese Bíblica 1, 4

### H

Hierarquia 29, 31, 33, 48

### I

Igreja Católica 16, 22, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 66, 67

### L

Linguagem imagética 54

### N

Narrativa do Êxodo 1

### P

Pastoral 16, 17, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 35, 38

Povo de Deus 34, 35, 40, 44

Preconceito 68

## **R**

Religião 14, 15, 16, 29, 41, 42, 43, 48, 54, 58, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

## **S**

Séfora 1, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Simbologia 54, 57, 58, 59, 60, 61

## **T**

Tarô 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

## **U**

Umbanda 60, 65, 66, 67, 68, 69

# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)





# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

